

EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DO POVO QUILOMBOLA DA SERRA DO EVARISTO BATURITÉ CEARÁ¹

Maurício Rafael dos Santos Silva²

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a Educação Escolar Quilombola na Serra do Evaristo, situada na região do maciço de Baturité Ceará. Esse presente trabalho teve como o objetivo apresentar as histórias e memórias do povo quilombola da comunidade Serra do Evaristo. Dessa maneira pretendo explorar as histórias e memórias da comunidade quilombola, destacando a importância da educação na preservação da identidade cultural. A pesquisa se caracteriza como qualitativa, a partir de pesquisas bibliográficas do território, artigos científicos e teses. Diante da relevância do tema trabalhado, serão utilizados estudos de Elza Maria Franco Braga (2021), Cíntia Letícia Bittar de Araújo Eufrásio (2021), Denise Botelho (2013) e entre outros autores. Como resultado, verificou-se que hoje a comunidade quilombola da Serra do Evaristo tem tido um grande crescimento no que diz respeito o fortalecimento identitário territorial, isso por que é importante que desde cedo as crianças tenham conhecimento sobre nosso território, como o mesmo foi se desenvolvendo, suas lutas, e como hoje vemos nossa comunidade em relação passado distante.

Palavras-chave: Educação escolar quilombola. Território. Identidade

ABSTRACT

The present work has as its theme Quilombola School Education in Serra do Evaristo, located in the Baturité massif region of Ceará. This present work aimed to present the stories and memories of the quilombola people of the Serra do Evaristo community. In this way, I intend to explore the stories and memories of the quilombola community, highlighting the importance of education in the preservation of cultural identity. The research is characterized as qualitative, based on bibliographic research of the territory, scientific articles and theses. Given the relevance of the theme worked on, studies by Elza Maria Franco Braga (2021), Cíntia Letícia Bittar de Araújo Eufrásio (2021), Denise Botelho (2013) and other authors will be used. As a result, it was found that today the quilombola community of Serra do Evaristo has had great growth in terms of strengthening territorial identity, because it is important that from an early age children have knowledge about our territory, how it has developed, its struggles, and how we now see our community in relation to the distant past.

Keywords: Quilombola school education. Territory. Identity

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação do Prof. Evaldo Ribeiro Oliveira.

² Discente do curso de Pedagogia pela UNILAB

1. INTRODUÇÃO:

Por muitos anos enquanto jovem me perguntava o que faria após concluir o ensino médio, se de alguma forma poderia auxiliar em meu território quilombola, isso por que alguns jovens mesmo estudando já apresentam grandes conhecimentos em relação ao nosso território, falam com propriedade sobre a história e trajetória dos nossos antepassados, culturas e entre outros saberes repassados tanto por aqueles/as que ainda estão vivos como por quem já não está entre nós.

Mediante ao que tenho observado na interação com jovens de minha comunidade, pude constatar e ter a certeza plena do quanto ele fariam a diferença dentro do nosso território, principalmente na vida das crianças que estão hoje se desenvolvendo, e pensando em também dar minha colaboração mais não sabendo como, mas quando ingressei na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, pude sentir algumas dificuldades quanto ao processamento de informações das quais eram passadas em sala de aula, por muitas vezes pensei em desistir, mas que ao me envolver com alguns educando quilombola pude além de conseguir me manter firme nesta trajetória acadêmica, também fui por muitas vezes aconselhado a sempre está firme na raiz ancestral, lembrar das lutas que muitas das lideranças comunitárias realizaram em prol de hoje os jovens ocuparem locais como a UNILAB e entre outros espaços acadêmicos.

Ao adentrar pela primeira vez em um espaço acadêmico como a UNILAB, no curso de Pedagogia aquilo foi algo surreal, no qual pensei até então que iria estudar somente sobre coisas de língua portuguesa, mas que na verdade foi algo muito mais além, obtive conhecimento que jamais imaginei iria aprender. Também tive o prazer de conhecer outros colegas de comunidades quilombola que além de estarem ali em busca de uma formação futura, os mesmos também faziam reuniões com o coletivo em prol do aprofundamento dos estudantes ingressantes nas lutas e conquistas do território nas questões internas como externas, dos movimentos que surgiram com o objetivo de ajudar e ao mesmo tempo apresentarem os espaços históricos, culturais e ancestrais do nosso maciço de Baturité no Brasil todo, ao ponto de que conhecerem que nosso povo ainda existe e resiste nesse mundo tão preconceituoso e racista.

Desta maneira, a comunidade quilombola da Serra do Evaristo em suas discursões tanto no grupo de jovens, como na escola por meio dos educandos e direção, enfatizar e discutir a importância do nosso território para formação pessoal e futura, isso por que se hoje temos direito a uma educação de qualidade e um espaço acadêmico gratuito, isso se deu por meio de muita luta e insistência das comunidades para aquela juventude que ao sair do ensino médio, muitas vezes não tem condições necessárias para se obter um ensino superior.

O real motivo desse tema escolhido é pelo simples fato de que pretendo conhecer mais sobre o meu território, ou seja, me aprofundar nas histórias e culturas que são ensinadas pelos

mais velhos, até por que durante muitos anos jamais tive o privilégio de poder realmente aprender sobre a comunidade (realizar perguntas, ouvir, questionar).

Durante algumas atividades de campo às vezes, procurava pessoas da minha própria família e a guardiã da memória Maria Naide Lima Castro (Tia Naide), que pela comunidade foi conhecida como a grande educadora e também era conhecida por ser bastante religiosa por participar das novenas de São João Batista, celebrações, coroação e dentre outros eventos.

Além dela, existem outras pessoas com conhecimentos exemplares, mas por conta de minha timidez acabei não tendo nenhuma aproximação, onde até os dias de hoje alguns dos guardiões fizeram sua partida, sendo assim, o que fica são aquilo que relatam familiares próximos, entrevistas gravadas e escritas para o conhecimento daqueles que um dia pretendem conhecer sobre esse chão sagrado e sobre suas primeiras histórias.

Por vários anos sei que perdi várias oportunidades de ter fortalecido ainda mais a minha identidade quilombola, até porque não existe felicidade maior tanto para os guardiões da memória como para alguns moradores do território de compartilhar seus conhecimentos adquiridos para os mais jovens, para que assim, os mesmos possam darem continuidade na propagação desses saberes para as demais gerações.

Diante de tudo aquilo que engloba nosso território (histórias), e do quanto esses conhecimentos nos dias de hoje estão sendo aplicadas em todo o nosso contexto local, apresentarei em meu trabalho sobre as diversas ações que ocorrem dentro do território, como: a cultura local, sua ritualidade, histórias, o ensino pedagógico na escola, projetos que são construídos dentro do ambiente educacional e fora e entre outros.

Para a realização desse trabalho de pesquisa, apresentarei sobre o que o território junto a comunidade escola Osório Julião tem buscado se articular-se no processo de exclusão do preconceito racial, que infelizmente ainda se encontra presente nesse mundo. O desenvolvimento dessa pesquisa será de natureza qualitativa, onde as informações presentes aqui serão de pesquisas bibliográficas, teses, artigos, livro do território (Olhares sobre a comunidade quilombola Serra do Evaristo – trajetórias, descobertas e construções identitárias), apresentação da imagem antiga sobre a Escola 15 de Novembro, e fotografias ligados à Freira dos Saberes e Sabores do Quilombo.

O desenvolvimento do trabalho será estruturado em três capítulos, onde no início farei uma breve apresentação sobre meu território sagrado, sua localização, qual seu meio de renda, suas culturas, crenças, conquistas e etc.

No segundo capítulo, discutirei sobre educação escolar quilombola: histórico, lutas e conquistas, apresentarei também um novo conceito educacional que trata sobre um povo étnico que durante muitos anos teve uma grande luta pelo reconhecimento, pela sua identidade e pertencimento, e que essa mesma batalha até os dias atuais ainda é travada. Cotidianamente além

de buscarmos tratar em sala de aula os conhecimentos territoriais, também temos dialogado sobre um problema que está presente em todo o meio social, chamado preconceito racial. Na escola quilombola em questão tivemos o devido cuidado de tratar essas questões, assim como outras junto aos nossos alunos/as, para que essa problemática nunca venha a existir em nosso meio educacional, muito menos no nosso meio familiar.

E no capítulo três, abordaremos sobre os conceitos das memórias e histórias, que diante os fatos, a comunidade como um todo tem se demonstrado com bastante ousadia a propagação daquilo que foi feito e deixado por nossos ancestrais. Segundo (BORBA, 2015, p.139).

Embora muito da cultura dessas comunidades tenha sido reconstruídas, como forma de sobreviver no contexto temporal em que se encontram, essas comunidades tentam manter viva a sua ancestralidade, lutam pela garantia da dignidade e o reconhecimento das contribuições da população africana e afro-brasileira na composição da identidade étnico-cultural e o desenvolvimento econômico dessa pátria chamada Brasil.

É importante ressaltar que toda a comunidade escolar ano após ano tem se dedicado de forma surpreendente no processo de ensino e aprendizagem, ao ponto de trabalhar em todas as áreas do conhecimento, os conteúdos referentes ao território e suas memórias, diante disto, os educando apresentam documentários, fazem visitas nas casas das pessoas com o propósito de estudar o passado de cada um/a e suas colaborações dentro do território.

Confesso que ao longo do processo da criação desse trabalho não somente consegui chegar ao objetivo esperado, como até mesmo conseguir adquirir ainda mais fonte de informações por meio tanto dos professores que atuam no mesmo ambiente de trabalho, como também por meio das formações específicas com outros quilombos do Ceará.

02 - A comunidade Quilombola da Serra do Evaristo

Segundo Braga (2021) a comunidade Quilombola da Serra do Evaristo está localizada no Município de Baturité, no estado do Ceará, com distância de nove (9) quilômetros do município, e da capital, Fortaleza, é de 90 km. É importante ressaltar que o percurso até o território é todo de calçamento e com curvas um pouco fechadas.

Vale também apresentar que nossa comunidade fica situada no topo da serra, e importante dizer que na grande maioria dos espaços mais altos (com riscos de acidentes) é utilizado pela grande maioria dos agricultores para se plantar bananeiras em sua totalidade, mas já em outros, antes do início do inverno utiliza-se para plantar: milho, fava e etc.

Braga (2021) durante sua pesquisa, apresenta que foi feito um levantamento realizado pela Secretaria da Saúde do município de Baturité sobre o número de pessoas existentes dentro do território quilombola, e após obter as devidas informações, foi constatado que há um quantitativo de 140 famílias, sendo assim um número aproximado de 800 pessoas.

Nosso território quilombola nem sempre foi do jeito que é hoje, ou seja, onde cada família tem seu pedaço de terra para trabalhar e retirar seu sustento, ter privilégio de comprar animais de criação para auxiliar na renda familiar como: galinha ou porco. Mas na realidade, muitos pais tiveram que se deslocar até as comunidades vizinhas: Sítio Jardim³, Oiticica⁴, Manga Açudim⁵. Todo esse percurso era de pé, onde saíam pela manhã muito cedo (quase escuro ainda) para realizar o serviço.

É importante salientar que durante muitos anos atrás nossos pais e avós não tiveram uma vida realmente digna como hoje temos, de poder trabalhar em nosso território, ter um local de armazenamento de água do inverno, obter uma boa alimentação e principalmente um espaço educacional para se aprender os ensinamentos básicos da vida humana, infelizmente os mesmos tiveram uma vida um pouco sofrida, não estou tratando simplesmente dos homens, mas também das mulheres, onde plantavam no solo, realizam a colheita das produções e entre outros.

A comunidade quilombola da serra do Evaristo vive praticamente da agricultura popular, onde os agricultores cultivam a banana produzida e comercializam para o centro de Fortaleza (Ceará). Já outros agricultores da comunidade (minorias), participam de alguns programas do Governo Federal do Brasil (GOV), como: PNAE e PAA.

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) consiste no repasse de recursos

³ Comunidade rural localizada a 7,9 km do território quilombola Serra do Evaristo

⁴ Comunidade rural localizada a 7,3 km do território quilombola Serra do Evaristo

⁵ Comunidade rural localizada a 9,8 km do território quilombola Serra do Evaristo

financeiros federais para o atendimento de estudantes matriculados em todas as etapas e modalidades da educação básica nas redes municipal, distrital, estadual e federal e nas entidades qualificadas como filantrópicas ou por elas mantidas, nas escolas confessionais mantidas por entidade sem fins lucrativos e nas escolas comunitárias conveniadas com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, com o objetivo de contribuir para o crescimento e o desenvolvimento biopsicossocial, a aprendizagem, o rendimento escolar e a formação de hábitos alimentares saudáveis dos alunos, por meio de ações de educação alimentar e nutricional e da oferta de refeições que cubram as suas necessidades nutricionais durante o período letivo. (PROGRAMA, 2025)

Nesse mesmo programa os agricultores são orientados a não utilizarem agrotóxico em suas propriedades, até porque essa mesma produção será encaminhada para todas as escolas do município de Baturité, e por esse motivo, os produtores devem ter cuidados com o que é adicionado ou aplicado em suas produções, para que isso não ocasione problemas na vida de quem irá consumir.

Agora em relação ao PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), o mesmo tem a mesma finalidade do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), mas o seu diferencial é que as produções após serem comprados dos agricultores rurais, os mesmos são distribuídas algumas comunidades, e esses locais têm como finalidade ajudar pessoas que não tem uma alimentação adequada.

Criado em 2003, o Programa de Aquisição de Alimentos tem duas finalidades centrais: promover o acesso das pessoas à alimentação, sobretudo as mais vulneráveis, e incentivar a produção da Agricultura Familiar. Para isso, por meio do PAA o Governo Federal compra alimentos produzidos pela Agricultura Familiar e doa esses alimentos para organizações das redes socioassistencial, públicas e filantrópicas de ensino e saúde e justiça e para equipamentos de segurança alimentar e nutricional, que é como são chamados os Restaurantes Populares, as Cozinhas Comunitárias, os Bancos de Alimentos, entre outros que atendem pessoas vulnerabilizadas, que não tem acesso à comida de forma regular e adequada, ou seja, estão em situação de insegurança alimentar. (PROGRAMA, 2025)

O motivo de apresentar sobre esses dois programas é pelo motivo de ver o quanto o município está valorizando a vida do homem do campo, de suas produções e de quanto prezamos por um produto saudável e de qualidade, que tanto possam estar na merenda escolar de nossas crianças, como na mesa de outras pessoas.

Além de termos essa garantia de renda por meio de programas em parceria com a secretaria de educação do município, algumas famílias em nosso território têm outro meio de renda, onde são: Bolsa Família, Seguro Safra e aposentadoria de idosos.

Além desses citados, uma pequena parte da população atua como servidor público dentro e fora do território. Já outros atuam na área da construção civil, onde os mesmos se deslocam para o centro da cidade de Fortaleza para trabalharem e outros para fora do Ceará, com o propósito de ter uma melhor renda familiar.

Para chegar ao território quilombola é importante citar que:

O acesso até o quilombo se dá por uma estrada estreita de calçamento, íngreme, cheia de curvas, e em determinados momentos com precipícios, ora do lado direito da estrada, ora do lado esquerdo. Durante o percurso, observamos uma mata nativa e muitos pássaros, no entanto, ao se aproximar do platô, a plantação de bananeiras passa a predominar na paisagem. (SANTOS, 2019. p. 37)

Dentro desse mesmo espaço territorial ficam concentrados os principais equipamentos conquistados ao longo do tempo pelo conjunto de moradores que lutaram bravamente, e esses mesmos espaços são utilizados de forma coletiva, entre eles estão: a capela de Nossa Senhora da Conceição, a escola EMTI Osório Julião, a sede da Associação, o campo de futebol, a palhoça, e o posto de saúde. De acordo com o que se relata na comunidade, esse mesmo espaço onde estão esses equipamentos foram doados pelo falecido Osório Julião para a comunidade, homem esse de tão bom coração que sempre se preocupava com o próximo, e com os moradores do território no tempo futuro. É importante destacar que poucas pessoas teriam a mesma ação tida por ele naquele tempo, de doar uma metragem significativa para ser construído algo em benefício de todos.

Após alguns anos depois a comunidade foi surpreendida com um fato muito interessante na casa de um morador, que segundo informações do mesmo que estava prestes a construir uma cisterna em seu quintal, mas algo ali no chão lhe chamou muito a atenção; havia um pequeno círculo de cerâmica no chão, ele ao imaginar que seria restos da construção foi cavar para ver o que era, e ao ser observado que se tratava de um pote. Este foi retirado e comunicado para a comunidade, que ao ver aquele objeto encontrado, os mesmos entraram em contato com o órgão responsável, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e após analisarem aquele artefato foi constatado que era uma urna funerária, que durante muitos anos atrás era utilizados pelos indígenas após a morte de uma pessoa.

Imagem 01- Urna Funerária



Fonte: Arquivo da comunidade (2023).

Imagem 02- Urna funerária com ossos humanos



Fonte: Arquivo da comunidade (2023).

Depois dessa descoberta histórica foi levantado um grupo de pessoas da comunidade para realizar algumas escavações em nosso território, mas dessa vez próximo à escola, e dessa maneira foram descobertas outras urnas funerárias, e assim foi constatado que em nossa comunidade havia um cemitério indígena.

Ao ser descoberto as primeiras urnas funerárias, foram encontradas dentro da mesma alguns ossos e um crânio. Essas descobertas durante muitos anos atrás foram colocadas em um pequeno salão do Ponto de Cultura comunitário, esse espaço ficava aberto para toda a comunidade conhecer o artefato encontrado.

Uma das coisas que tornava bastante claro a presença de uma urna funerária, seria um pequeno desenho circular em forma de cerâmicas no chão. O professor Antônio de Freitas residente da comunidade me havia relatado que por acaso foi observado um formato circular no chão, é porque ali poderia ser um artefato.

Braga (2021, p 70) nos afirma que foram encontradas 06 urnas dentre as dezoito identificadas por meio do MDT⁶ e dentro dessas havia uma estrutura óssea humana em estado de conservação diferenciado.

É importante apresentar que durante o processo de escavação, alguns jovens da comunidade foram selecionados para trabalhar no processo de descoberta das urnas, onde, pelo que me recordo, alguns ali escavavam, tiravam fotos, faziam a limpeza das peças e etc.

Diante de tudo o que estava acontecendo em nossa comunidade pôde-se observar e constatar que nosso território era, sim, um local que havia presença não somente a presença de homens e mulheres africanas como também indígenas, e nisto, aprendemos que devemos valorizar nosso patrimônio histórico, e principalmente os ensinamentos que nos foram transmitidos pelos nossos ancestrais.

Após alguns anos, nossa comunidade foi presenteada com um museu comunitário dentro do próprio território, vejamos mais abaixo:

O museu, constituído pela comunidade, destina-se a abrigar as coleções arqueológicas resgatadas pelas escavações, em 2012, bem como outros achados anteriores, feitos por comunitários, no sítio funerário situado no Quilombo da Serra do Evaristo. Esse equipamento constitui importante fonte de conhecimento e pesquisa para alunos e professores da região, do estado, de outras regiões, inclusive do exterior. (Braga, 2021, p. 83)

Imagem 03- Museu Comunitário Da Serra Do Evaristo

⁶ O Modelo Digital de Terreno (MDT) é uma representação tridimensional da superfície terrestre, que captura a variação da elevação do terreno em um formato digital. Este modelo é fundamental para diversas aplicações em geotecnologias, como planejamento urbano, gestão de recursos naturais, e análise ambiental. Fonte: <https://clubedogis.com.br/glossario/o-que-e-modelo-digital-de-terreno-mdt/>



Fonte: Arquivo da comunidade (2023).

Segundo Braga (2021, p.35), aqui na comunidade quilombola da Serra do Evaristo os durante muitos atrás existiam alguns grupos indígenas nesse território, mas até o presente momento não temos registros comprobatórios sobre quais etnias eram essas. Porém, destaca-se que os grupos mais próximos da região do maciço de Baturité o que são os povos kanindé/Canindé, localizados nos municípios de Aratuba e Canindé; e os Pitaguari, situadas nas cidades de Pacatuba e Maracanaú.

A comunidade da Serra do Evaristo é uma comunidade de luta, onde sempre buscam trazer melhorias de vida para os moradores e suas famílias, a mesma junto à Obra Kolping⁷ que se instalou no Ceará no ano de 1986 teve algumas conquistas dentro desse espaço, como: o transporte escolar dos estudantes, que até no ano de 2018 era um carro escolar conhecido como “Pau de Arara”, que levava os mesmos até o município de Baturité.

O momento mais tenso para os estudantes era que no período de inverno, pois era algo bastante difícil, aonde muitas das vezes, chegávamos molhados devido a forte ventania com a chuva. Outro ponto difícil eram as estradas, onde diferente dos dias de hoje era bastante liso, quase pensávamos que iríamos subir a serra a pé devido algumas partes não serem boas. Tudo só mudou após várias reivindicações na cidade de Baturité para reformar a estrada, até porque era o único trajeto que utilizamos para nos deslocarmos para a cidade. Por muitas vezes estive presente nas manifestações que faziam na cidade, onde pela manhã o carro “Pau de Arara” toda a comunidade (uma grande parte) descia com o propósito de ocupar a estrada principal em prol de resposta para aquilo que reivindicávamos.

Nossa comunidade além de ser conhecida por lutar por mais visibilidade e por mais melhoria em nosso território, a mesma também busca trazer por meio de parcerias alguns conceitos de atividades produtivas que tenham como objetivo fortalecer a cultura territorial e promover rendabilidade aos moradores, e para que haja essas e outras atividades em nosso

⁷ A Obra Kolping Estadual do Ceará é uma organização sem fins econômicos que tem como missão a formação integral de homens e mulheres nos aspectos religiosos, profissionais, familiares, sociais, associativos, comunitários, culturais, recreativos e políticos, visando à transformação das realidades sociais através da formação e ação social e da intervenção em espaços institucionais. Fonte: <https://kolping-ce.blogspot.com/>

território, Braga (2021, p.44-45) afirma que:

Ao longo do tempo, a participação em editais e projetos junto a diferentes instituições públicas e privadas e o apoio técnico e financeiro de projetos através de instituições internacionais demonstram, concretamente, o protagonismo de lideranças comunitárias na implementação de iniciativas necessárias ao desenvolvimento de uma série de atividades produtivas, para o fortalecimento da cultura local e para a ampliação da infraestrutura da comunidade do Evaristo e da Fazenda Manos Kolping, conforme serão especificadas, a seguir. Dentre elas, destacam-se como principais:

- Construção de Cisternas de Placas na fazenda e na Serra do Evaristo, com recursos da Obra Kolping estadual/Ceará.
 - Compra do caminhão para transporte da produção, e das pessoas, da Fazenda para a comunidade, estilo pau de arara, com recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), mediante financiamento do Banco do Nordeste.
 - Instalação de colmeias e beneficiamento de mel de abelha, na Fazenda Manos Kolping, através de recursos do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza (MDS).
 - Instalação de dessalinizador de água na Fazenda com apoio do governo do Estado do Ceará;
 - Serviços de manutenção da fonte de abastecimento d'água do Evaristo, através de mutirão envolvendo a comunidade.
 - Recepção de estudantes e professores da UNILAB e outras instituições de ensino, Universidade Federal do Ceará (UFC), Instituto Federais do Rio de Janeiro (UFRJ) e Pastorais Sociais, e dentre outras, que tiveram acesso à comunidade para conhecer e/ou desenvolver estudos e pesquisas acadêmicas.
 - Participação no movimento quilombola no Ceará.
 - Realização de Encontros com indígenas da etnia Kanindé, de Aratuba, articulados pela Associação.
 - Capacitação de jovens da comunidade em técnicas de filmagem e de fotografia, ministrado pela ONG ÁGUA, de Guaramiranga/Ceará.
- Oficina para a construção de tambores, com apoio financeiro da Secretária do Trabalho e do Desenvolvimento Social do Estado do Ceará (STDS).

Entre essas que foram citadas, ainda existem outras conquistas obtidas pela comunidade, onde o objetivo da Serra do Evaristo como tal é trazer mais qualidade de vida para a população e principalmente manter e aprofundar os laços comunitários e as iniciativas para preservação e transmissão interacional da cultura local.

A comunidade Serra do Evaristo obteve em fevereiro de 2010 o reconhecimento oficial como quilombola, através da certificação da Fundação Cultural Palmares (FCP), conforme referido anteriormente. No entanto, o autorreconhecimento das pessoas como negros (as) que são ainda não aconteceu na sua totalidade, pois o resultado dos mais de três séculos de escravidão no Brasil faz com que o preconceito racial esteja presente entre os próprios negros. Esse longo período de escravidão, fez com que a população negra desenvolvesse processos de auto rejeição e negação ao seu grupo étnico-racial, buscando aproximar-se dos padrões hegemônicos. (BRAGA, 2021, p. 57)

É triste ver o quanto isso ainda exista em nosso meio, onde aqueles que residem dentro do território não tem a possibilidade de conhecer suas identidades, suas origens, como aconteceu comigo. Hoje poder observar uma menina ou um menino com seus cabelos crespos,

cacheados, pele negra, e com outros fenótipos herdados de suas gerações passadas... isso nos faz sentirmos felizes, até porque ao olharmo-nos diante de um espelho e analisar a beleza que apresentamos, isso se torna algo bastante maravilhoso, pelo fato de que nossa pele destaca a beleza do mundo natural e ao mesmo tempo carregamos consigo toda história ancestral.

É triste ver o quanto o preconceito e o racismo ainda estão presentes no mundo, onde simplesmente é raro de se ver um homem ou mulher negro/a sendo modelo, príncipe ou rainha nas histórias infantis, isso por que foi reconhecido que a pele branca é o único sinônimo de beleza.

Após termos ciência desse problema global que todas as pessoas de pele negra estão enfrentando, a comunidade tem buscado por meio da instituição escolar, construir uma educação inclusiva que discuta conceitos da desigualdade social, identidade racial e quilombola, e como tudo isso pode ser superado. Por isso, a educação é tida como um instrumento importante para nossa comunidade. Desta forma, trataremos da educação escolar quilombola no próximo capítulo.

03 - Educação Escolar Quilombola: aspectos históricos e legais

Esse presente capítulo terá como o objetivo apresentar as histórias e memórias do povo quilombola da comunidade da Serra do Evaristo, situada no município de Baturité Ceará. Esse mesmo território por muitos e muitos anos foi espaço dos primeiros negros refugiados das senzalas, e que ao adentrarem nesse chão sagrado, trouxeram consigo uma riqueza de conhecimento e saberes ancestrais, onde até os dias de hoje é compartilhado pelos mais velhos e ao mesmo tempo, é utilizado dentro do espaço educacional, com o propósito de mostrar para as crianças e jovens o quanto a educação escolar quilombola é importante para nossas vidas.

Quando falamos sobre a educação escolar quilombola, está se referindo aos conhecimentos ancestrais, culturas, comidas, e outras práticas que a população africana trouxeram para dentro desse território, isso por que durante o período da escravidão os mesmos eram impedidos de fazer tudo aquilo que trouxeram de seus países de origem. Um dos vários motivos para ter acontecido à fuga foi pelo simples motivo que sempre eram violentados e impedidos e tudo o que fazia. Vejamos o que diz Carneiro:

O movimento de fuga era, em si mesmo, uma negação da sociedade oficial, que oprimia os negros escravos, criminalizando a sua língua, a sua religião, os seus estilos de vida. O quilombo, por sua vez, era uma reafirmação da cultura e do estilo de vida africanos. (CARNEIRO, p.13. 1958).

Outra coisa muito importante a se dizer é que esse modelo de ensino quilombola cabe a ser respeitado por todas as instituições educacionais, como está previsto no Parecer CNE/CEB nº 7/2022, aprovado em 9 de novembro de 2022, que diz assim na seção VII Artigo 48:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Parágrafo único. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, bem como nas demais, deve ser reconhecida e valorizada a diversidade cultural. (Ministério da Educação 2024)

Após a população africana fugir para alguns locais distantes, onde hoje conhecemos como quilombos, que significa local de refúgio, os mesmos nestes espaços começavam ali a construção de uma nova vida, sem pessoas para mandarem, obrigarem a realizar trabalhos escravos. Por muitas vezes nossos ancestrais sofreram nas mãos dos portugueses, e por serem negros, cada um era destinado a trabalhos diferentes, até por que para o homem negro eram os trabalhos braçais e já as mulheres negras eram empregadas dos senhores e ama de leite de crianças pequenas.

Na medida em que esses conhecimentos de histórias passadas tenham chegado até os dias de hoje, a comunidade quilombola da serra do Evaristo tem buscado sempre por meio de

reuniões de jovens discutirem a vida de nossos antepassados, o quanto sua cor de pele foi era inferiorizada e suas culturas demonizadas, ao termo conhecimento sobre o que passaram nossos irmãos africanos, e de tudo o que nos foi ensinado por eles antes de partirem, nós como comunidade junto com a direção escolar e o conjunto de professores/as estamos buscando meios de levar esses saberes para dentro do espaço educacional, até por que é importante que os jovens conheçam suas identidades e raízes ancestrais desde cedo, para que assim esses sejam aqueles/as que darão continuidade naquilo que um dia conquistamos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica orientam para o desenvolvimento de uma educação comprometida com o antirracismo. A fomentação dessa temática deve começar na escola, pois comumente crianças têm seu primeiro encontro com a ciência nesse ambiente. A contribuição pedagógica deve caminhar na compressão integral do sujeito, campo no qual a diversidade do ser humano deve ser englobada na valorização e respeito. A omissão das escolas perante o racismo cotidiano, ou a mera reprodução de atividades correspondentes a datas comemorativas, sem nenhuma significação, além de desrespeitar uma educação alinhada com os direitos humanos, torna banal uma temática que durante a história do Brasil foi motivação para machucar, desumanizar e matar milhares de pessoas. (VALENTIM, p.78. 2020)

É triste de ver o quanto o racismo em todo o mundo tem deixado grandes sequelas na vida de muitas pessoas, e o que mais nos deixa a estarmos mais em alerta quanto ao aumento da promoção deste é que a escola tem sido um dos locais onde mais se dão casos como esses, onde a criança diz algo para seu coleguinha, o jovem realiza com seu amigo/a ou mesmo novatos, e como forma de acabar com o crescimento do racismo constitucional, a comunidade escola além de ter hoje sua grade disciplinar totalmente focada no adentrar os saberes culturais e ancestrais aos jovens por meio de aulas dinâmicas ou mesmo as feiras, ao mesmo tempo é feito de forma bimestral sempre a reunião com as famílias visando sempre deles de sempre apresentar ao seus filhos a verdade essência histórica dos povos de território quilombola.

Por mais que possamos dizer que tudo mudou, e que nós descendentes de africanos podemos viver tranquilos com os nossos, mas na verdade vemos que necessitamos por meio da educação excluir o racismo e o preconceito cotidiano, até por que se queremos viver e que a geração que virá vivam de forma respeitosa por todos sem nenhum caso de discriminação racial ou preconceito, cabe a nós utilizarmos da educação para ensinarmos que vivemos em um globo terrestre que existem pessoas com jeitos, saberes históricos e culturas diferentes, e por isso cabe-nos valorizar e apreciar o que é dialogado.

Outra lei importante para a educação da população brasileira, em especial, para negros/as, trata-se da Lei 10639 de 2003, que assim, é analisada por Da Silva (2024)

A Lei 10.639 sancionada em 09 de janeiro de 2003 representa uma grande conquista da sociedade através do movimento social negro, que há décadas luta contra a discriminação vivida pelos afrodescendentes aqui no Brasil. Em seu texto legal, altera a última Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394 de 1996, trazendo à educação brasileira a inclusão do estudo de História e Cultura Afro-Brasileira, no currículo escolar, a ser ministrado em todas as disciplinas nas escolas de Ensino Fundamental e Médio das redes, pública e privada. Segundo a lei, os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial, nas áreas de Educação Artística,

Percebe-se nas leis citadas o que está sendo discutido é sobre os conhecimentos históricos desses territórios, ou seja, de algo que foi passado de geração em geração, e que esses mesmos saberes merecem ser aplicados dentro de todos os ambientes educacionais, para que assim amanhã depois haja uma maior valorização aos territórios patrimoniais e respeito às adversidades culturais existentes em todo o estado cearense.

É importante ressaltar que todos esses conhecimentos e saberes herdados merecem ser propagados dentro do ambiente escolar, até porque se trata de um espaço que tem não somente quilombolas do território, mas também alunos/as de outras localidades vizinhas. Ao serem transmitidos esses conhecimentos adaptados a cada disciplina lecionada, numa ação interdisciplinar, mais ainda será despertado o interesse em aprender sobre esses conhecimentos e cosmovisões, sobre o território, como também teremos menos indícios de preconceito ou racismo.

Nosso território como sempre, ano após ano, tem tido um grande avanço no ensino identitário dentro da comunidade, onde além de ser ensinado sobre o conceito de território e territorialidade, é apresentado algumas das manifestações reivindicatórias pelo reconhecimento e direitos que nos são cabíveis, e a cada luta realizada e conquistada pela “negrada do Evaristo”, podemos perceber que tudo só se conquista quando todos se juntam e fazem suas reivindicações em prol de todos que fazem a comunidade quilombola.

Os quilombos atravessaram as gerações na história do Brasil, como temos constatado em algumas reflexões trazidas no texto, evidenciando a participação ativa da população negra nessa história. Nesse sentido, destacam-se as identidades construídas a partir desse lugar de reivindicação, nos diversos espaços por ela travados. Desse modo, refletir sobre o território, é uma forma de interpretar esse lugar de territorialidade étnica, na formação e na transformação da realidade brasileira. O direito assegurado a essas populações, ainda que restritos, constitui avanços na superação da concepção hegemônica sobre a forma uniforme de como são constituídos os espaços e a sua ocupação, inaugurando assim o reconhecimento de outros modelos mais específicos de organização. A partir dessa reflexão sobre o significado do território para cada comunidade deste país, determinado pelo conteúdo da territorialidade étnica, amplia-se, também, para o reconhecimento aos direitos culturais, e a participação direta dos quilombos, na aplicação destes direitos na execução de políticas mais específicas. (MALAQUIAS, 2020, p.52)

Hoje podemos observar que essa mesma comunidade que um dia era invisível e distante da cidade passou a ser o local de mais visibilidade, onde nesse mesmo local já foram realizadas pesquisas acadêmicas, elaborações de projetos e dentre outros.

Ao longo dos tempos na comunidade quilombola, é discutido e avaliado sobre como podemos repassar esses conhecimentos ancestrais para nossos alunos, de forma que a aulas possa ser além da história, onde as crianças e jovens aprendem construindo coisas relacionadas ao passado aprendam por meio de brincadeiras e etc. E por meio dessas didáticas

discutidas com parceria com a comunidade, podemos fazer com que não somente os nossos como os demais que estarão em nosso meio conheçam nosso espaço e sobre sua riqueza de informação.

04 - Educação Escolar Quilombola: histórias e memórias da comunidade quilombola da Serra do Evaristo

Quando falamos sobre educação escolar quilombola é importante salientar que se está falando de um modelo de ensino que tem como o objetivo trabalhar com os conhecimentos locais, discutir sobre suas lutas, culturas, religiosidade entre outros.

Nesse sentido, ‘educação escolar quilombola’ também se insere como categoria conceitual desta pesquisa. A sua base de operacionalização são as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola, que preconiza uma aproximação entre os saberes da comunidade e os curriculares na construção do conhecimento, se desenvolve no “espaço formal, entretanto possui um jeito próprio de fazer educação, abastecendo-se da Educação Quilombola, ou seja, deve ter como um dos seus princípios valorizar a comunidade, suas lutas, seus saberes e a cultura local”, amparados nas políticas de ações afirmativas e seus marcos legais (SILVA, 2024). (EUFRÁSIO, 2021, p.23)

Como dito anteriormente, Osório Julião tinha muitas terras em nossa comunidade o mesmo por decisão própria, cedeu um tamanho bastante significativo de suas terras para a comunidade construir alguns equipamentos para uso comunitário, como: o posto de saúde, escola e a igreja, onde a mesma durante muitos anos segundo um professor familiar do senhor Osório era um pequeno salão, mas hoje ela é maior e ganhou o nome Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

Após a escola ser construída a mesma ganhou o nome 15 de Novembro, veja a imagem logo a seguir:

Imagem 04- Escola Municipal 15 de novembro



Fonte: Arquivo da comunidade (2023)

Imagem 05- Escola municipal de tempo integral Osório Julião



Fonte: arquivo da comunidade (2023)

A imagem acima apresenta a escola que antigamente por nome 15 de Novembro e ao lado o posto de saúde da comunidade, e logo mais a baixo, a escola já reformada e com o nome de alguém que representa trás muita representatividade pelas pessoas para nosso território.

Nessa mesma escola da imagem 04 existiam seis ou sete salas, na qual atendia a educação infantil e anos iniciais no período da manhã e a tarde somente os anos finais, além de ensinar os alunos da comunidade, recebia também alunos das comunidades Castelos e Carões. E durante um curto tempo a comunidade foi contemplada com um EJA (Educação de Jovens e Adultos), onde alguns pais em dias combinados se deslocavam para a escola para aprender a ler, escrever e realizar operações matemáticas.

A escola quilombola durante muito tempo teve um pequeno problema relacionado ao calor extremo no verão, e mesmo com ventiladores o clima era insuportável. E pensando na melhoria na infraestrutura e no bem-estar das crianças e adolescente, a instituição escolar junto a comunidade fizeram reivindicações à Prefeitura de Baturité para que nosso ambiente se tornasse um local mais propício para os alunos/as, ao ponto de se sentirem a vontade de aprender sem se importar com o clima do ambiente. Após nossas vozes serem ouvidas, foi dado por início a construção da nossa escola quilombola, e agora a mesma conta com salas climatizadas, e também foi contemplada com uma sala do AEE (Atendimento Educacional Especializado) para atender as crianças com deficiências, transtorno do espectro autista, altas habilidades e superdotação.

Diante de alguns acontecimentos dentro do território a comunidade escolar junto com alguns moradores e familiares de alguns guardiões da memória que já faleceram criaram com o conjunto de professores a Feira dos Saberes e Sabores do quilombo, é uma feira que o conjunto de professores ao longo de suas aulas discute com os alunos sobre os conhecimentos da nossa comunidade, desde a historicidade do território (danças, comidas, ritualidade,

ancestralidade...), conceito sobre território e territorialidade (história sobre locais patrimoniais), e entre outros pontos. O intuito é apresentar tanto para os alunos locais quanto de outras regiões vizinhas os conhecimentos existentes dentro do território quilombola, e assim apresentar no mês de novembro o que aprenderam em sala e fora de sala os conhecimentos obtidos. Segue abaixo os anexos das imagens da II Feira dos Saberes e Sabores do Quilombo Serra do Evaristo.

Imagem 06- II FEIRA DO SABERES E SABORES DO QUILOMBO



Fonte: Arquivo Pessoal (2024)

A feira contou com a presença da mestra da cultura Socorro e com os meninos dos tambores da resistência. E nesse mesmo dia no evento, tivemos a visita dos moradores da comunidade e da Secretária de Educação do Município de Baturité.

Segundo informações coletadas com o coordenador pedagógico da escola Osório Julião, a Feira dos Saberes e dos Sabores do Quilombo é uma ação pedagógica realizada pela EMTI OSORIO JULIÃO, com a finalidade de valorizar e dar visibilidade a saberes e sabores gastronômicos do fazer do Quilombo Serra do Evaristo. Ela é organizada pelo conjunto da escola e foi uma ideia que nasceu a partir de sugestão da direção da comunidade.

A feira sempre é realizada em todo o mês de novembro, onde os professores junto com os alunos realizam trabalhos focados na comunidade quilombola, onde dentre esses trabalhos que são apresentados, podem está ali presente apresentações de danças ritualísticas como a dança de São Gonçalo, criação de remédios e entre outros. E quando se chega o dia da apresentação os professores/as ornamentam o ambiente escolar para receber os visitantes que contemplaram os trabalhos e as explicações dos alunos/as, e ao mesmo tempo a musicalidade na voz da Mestra da Cultura Maria do Socorro Fernandes com a participação do grupo Tambores da Resistência.

Imagem 07- Alunos/as do 07^a ano apresentando uma Linha do Tempo do nosso Território Quilombola



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Como dito anteriormente, após os professores/as trabalharem com seus alunos os temas para serem apresentados na feira, os alunos a partir dali serão os mediadores do conhecimento. Nessa imagem acima o professor durante três meses foi trabalhado com a turma do 7^a ano o tema Linha do Tempo, onde os alunos construíram com o auxílio do professor um grande cartaz contendo ali algumas fotografias que relatam algumas das conquistas de nosso território quilombola e também algumas descobertas.

Dentre essas imagens destacadas no quadro estão: ossos encontrados na urna funerária, construção do ponto de cultura, farmácia alternativa, ecomuseu, o carro da comunidade e entre outras.

A comunidade ao ter esse contato com a juventude se empenhando, indo nas casas conversar e até mesmo participar de oficinas isso tanto para quem ver (moradores) se torna algo bastante louvável quanto para todo o grupo gestor escolar, pois assim constata-se que o trabalho exercido está provocando o interesse e ao mesmo tempo promovendo o aprendizado.

Vemos aqui que o conjunto de professores/as que atuam dentro de um ambiente de ensino eles/as durante um determinado tempo tem como por dever apresentar o ensino necessários para a vida do aluno/a e principalmente levar os conhecimentos obtidos daquele território histórico, reforçando assim o que os nossos antepassados viveram, sofreram na pele, suas culturas trazidas até nós, suas crenças, conhecimentos em relação a terra, e entre outros saberes. E como ponto

principal, é apresentar que todos nós somos iguais, embora tenhamos tonalidades de cor diferente, cabelos ou tamanho dos lábios nada disso nos tornará pessoas diferentes das outras.

Cada ser humano tem sua identidade, ou seja, algo que o torna diferente dos demais, onde isso pode ser sua crença, danças ritualísticas, histórias, culturas e etc. Onde que para hoje termos toda essa fonte de conhecimento, tanto de nosso território como daquilo que era feito pelos nossos antepassados, esses saberes e conhecimentos foram sempre sendo conversados de forma oral, onde o local de ensino poderia ser em uma casa específica ou mesmo em um local aberto dentro ou um pouco distante da mesma.

Sousa (2021) nos afirma que a identidade negra se constrói no bojo das relações sociais, sendo permanentemente desenvolvidas a partir de repertórios culturais e históricos de matrizes africanas, mas também das relações concebidas na vivência enquanto ser social.

Desta maneira, nós como remanescente de quilombos, buscamos apresentar seja eventos escolares, na comunidade ou em qualquer outro espaço é estabelecer uma relação com as pessoas daquilo que temos conhecimento sobre nosso território, suas lutas, movimentos realizados pelos moradores do mesmo espaço e etc. É dizer ao mundo que não fomos instintos como os dinossauros, mais que estamos aqui por que muito dos nossos lutaram para que hoje estivéssemos aqui não somente vivos, mas também dando seguimento naquilo que nos foi retirado, o direito de aprender a educação territorial, pois do que adianta ensinar somente um ensino que nos é propagado para o mercado de trabalho e não aquilo que é verdadeiramente essencial para a vida de todos os estudantes como; estudar sobre a dança de São Gonçalo, a importância das ervas medicinais e entre outro.

Ao longo dos tempos, podemos dizer que a identidade negra consequentemente veio tendo um avanço muito significativo, ao ponto de a juventude cotidianamente vem conhecendo gradativamente os saberes existentes dentro do nosso território, onde tais conhecimentos foram passados de geração a geração junto com outros conhecimentos que fundamentizam nosso espaço sagrado que são de muito valia, e vale ressaltar que todos esses conhecimentos que existiram e existem em nosso chão sagrado antes de ser propagado no espaço de conhecimento são transmitidos pelos nossos pais em casa, tios e avós, onde seus relatos por sua fórmula a mente da criança desde cedo para aquilo que faz parte de nosso contexto local, segundo SOUZA (2016):

A educação como elemento chave para a transformação social, porém sua atuação não é isolada. Educação (escolar ou não) e sociedade compõem uma engrenagem que envolve múltiplos elementos e dimensões. Deste modo, visões de mundo, culturas, conhecimentos, valores são elementos desta engrenagem que devem compor o currículo escolar com vistas à transformação social. (SOUZA, 2016, p.71).

Dessa forma, podemos ter como certeza que a educação sim é importante para vida de todo o ser humano, tanto na parte da verbalização com o próximo como em diversas áreas trabalho ou estudos, onde usaremos nossa mente para processarmos as informações assimiladas e

assim apresentar por meio do dialogo o que se foi aprendido ao longo do tempo. Isso estamos falando de uma educação formal, já a educação não formal é aquela que acontece em locais distintos sem uma sequencia metodológica própria para cada eixo temático, isso por que os conhecimento que eram mais apresentado eram aqueles referentes ao território, alimentação, remédios, histórias e etc.

Muito embora hoje a educação tenha sofrido grandes modificações, não podemos deixar de esquecer a educação é algo muito mais além do que ensinar a ler e escrever ou elaborar operações matemáticas, mas se perpetua em poder apresentar a multiplicidade de elementos existentes em um território, que durante muito tempo é visualizada como a verdadeira transformadora social de pessoas.

E a comunidade quilombola da Serra do Evaristo tendo ciência sobre tais acontecimentos que surgem em todo o mundo e até mesmo dentro de nosso próprio território, existe um grupo constituídos por jovens que durante uma vez na semana se reúnem e discutem em conjunto sobre diversas questões que acontecem no Brasil e no mundo, onde alguns deles são: preconceito, racismo, religião e etc.

Além do grupo de jovens, a comunidade escolar tem desenvolvido e trazido atividade que tem como objetivo principal adentrar os alunos cada vez mais naquilo que a comunidade tanto preza e luta para manter, como: a capoeira, grupo de tambores, ritualidade (danças de São Gonçalo) e entre outros.

Conclusão

Recordo-me muito bem de tudo o que vivenciei nessa escola, dos aprendizados e como foi ter contato pela primeira vez com o ensino territorial, onde por muitas vezes achava complicado de se entender, mas sempre existiram pessoas que tentava sempre me auxiliar no máximo a conseguir aprender mais sobre meu quilombo.

Hoje a escola totalmente climatizada, com educadores/as quilombola atuando dentro do espaço, a elaboração de atividade e aula voltadas ao território isso para mim seria um sonho poder ter aprendido dessa forma há alguns anos atrás, até porque essa forma de ensinar poderia refletir na vida de muito jovens em relação às questões raciais, no hábito de respeitar a cor do outro, cabelo e raça.

Hoje a comunidade quilombola da Serra do Evaristo tem tido um grande crescimento no que diz respeito o fortalecimento identitário territorial, onde dentro da escola um conjunto de educandos fomenta desde cedo (educação infantil) as primeiras etapas de uma construção de identidade, onde as crianças começam a aprender com o alfabeto quilombola, ouvir pequenas histórias que fale sobre personagens negros/as, sua cor de pele, cabelo e etc.

Poder visualizar hoje as crianças e jovens falarem e trabalharem os conceitos históricos de nosso território isso é de emocionar, até por que são esses os resultados que tanto os educandos/as esperam colherem como a comunidade, e a escola Osório Julião tem se destacado muito nesse aspecto de trabalhar a educação escolar quilombola em todas as áreas do conhecimento, e durante um determinado período de estudo e aula de campo os mesmo alunos mediam o conhecimento para toda a comunidade e outras pessoas que forem chegando à apresentação dos trabalhos, o mesmo foi nomeada por Feira dos Saberes e Sabores do Quilombo, onde os professores junto com os alunos constroem banners, fazem apresentações de dança, comidas e entre outros.

Além desse trabalho e de outros que são realizados dentro do ambiente educacional, a escola também tem sempre buscado discutir de forma obrigatória com os alunos/as alguns casos que ocorrem em todo o mundo, que é o racismo e o preconceito.

O preconceito racial fomenta exclusão do povo preto na sociedade brasileira e cria barreiras tão enraizadas que podem impedir a construção de um autoconhecimento sem os devidos reconhecimentos que o povo quilombola tem na história deste país. (VALENTIM, 2020 p.33).

Infelizmente é triste de ver o quanto o preconceito racial tem de tal forma moldado a sociedade brasileira por completo, ao ponto de negar a existência no mundo, sua história, e lutas que foram travadas para que hoje tivéssemos a liberdade e o direito de se expressar tanto dentro

dos quilombos como fora, até por que nosso objetivo como descendente é poder dá segmento a história do nosso povo, mostrar para as demais gerações a verdadeira importância de estudar a nossa identidade e nosso território e as conquistas que obtivemos por meio das lutas e movimentos.

Hoje vejo que a educação quilombola na comunidade teve um excelente desempenho em todos seus espaços, onde desde a educação infantil ao fundamental 2ª, os educandos em alguns projetos sejam os da secretaria de educação como aqueles que são discutidos em reuniões semanais no planejamento coletivo tem tido grandes resultados no que diz respeito ao se trabalhar como os saberes existentes dentro desse espaço.

É importante que educadoras e educadores estimulem seus alunos e alunas a reconhecerem a legitimidade dos diferentes saberes presentes na sociedade e perceberem como cada grupo sócio-racial contribuiu para a formação da identidade cultural do país. Diante de uma população escolar educacional multirracial, como a brasileira, mostram-se imprescindíveis novas práticas didático-pedagógicas que re-signifiquem os conteúdos curriculares e as atividades de sala de aula, por meio de recursos diferenciados de ensino, como os presentes nas comunidades quilombolas e quase sempre não apropriados por educadores e educadoras como alternativas didático pedagógicas. (BOTELHO, 2013, p. 179)

De certa maneira, é observado por todos os moradores do nosso território quilombola o quanto as coisas deram uma evoluída surpreendente, onde realmente dia após dia e ano após ano nossa educação escolar quilombola tem tido um grande avanço significativo, onde hoje temos salas com alfabeto quilombola, desenhos e trabalhos de pesquisas de outras turmas avançadas que realizaram trabalhos de pesquisa sobre nosso território. Desta forma, sinto-me grato por está experimentando todos os dias essa educação e ao mesmo tempo apresentar em minhas aulas, me sinto feliz por estudar sobre o local onde me criei, fiz estágio, realizei pesquisas e de onde trabalho nos tempos atuais.

Uma das coisas mais admiráveis que pude observar em nossa comunidade, além da receptividade calorosa dos demais é do quanto as pessoas mais velhas que ainda hoje estão vivas conseguem ter lembranças tão maravilhosa de seus passado, mesmo em uma idade bem avançada, falo isso por que em um dos trabalhos discutidos na escola em alusão ao dia internacional da mulher onde o conjunto de professores apresentaram seus temas e apresentações a professora Cássia Fernandes teve como ideia trabalhar sobre as mulheres benzedeiras e rezadeiras do nosso quilombo com a turma do 02º ano, mesmo sabendo que muitas das informações que queremos saber podemos encontrar em livros, artigos e entre outras formas de pesquisa, mas não existe nada melhor do que poder está frente a frente com a pessoa, até por que ali além de estarmos fazendo perguntas, estaremos ouvindo uma resposta narrada por quem vivenciou os acontecimentos e conhecimentos recebidos do passado.

Hoje para um/a senhor/a de idade compartilhar seus conhecimentos obtidos há muitos anos é uma terapia, isso por que quanto mais atenção, perguntas e escuta houver mais feliz a pessoa se encontrar, e na escola Osório Julião um dos trabalhos que mais se é realizado pelos

professores em suas turmas é de pesquisar por meio dos moradores mais velhos os seus conhecimentos tanto em relação à terra que trabalham ou trabalharam, os saberes e conhecimento adquiridos de segundos ou terceiros, e etc.

É lindo poder ver o quanto a educação escolar quilombola tem tido um grande aumento significativo na educação ao ponto de que hoje tanto em dias comemorativos como em dias marcados pela secretaria os professores/as tem destacado muito em atividade de pesquisa com os alunos, oficinas e entre outras atividades, onde é bastante nítido nos olhos de cada um/a o prazer de estudarem, de falarem e apresentarem o que aprenderam durante um determinado tempo, e essa mesma educação só se consegue ter êxito se todos/as se ajudarem nessa caminhada.

É importante ressaltar que toda a comunidade escolar ano após ano tem se dedicado de forma surpreendente no processo de ensino e aprendizado, ao ponto de trabalhar em todas as áreas do conhecimento sempre os conhecimentos territoriais e suas memórias, onde os educando apresentam documentários, fazem visitas nas casas das pessoas com o propósito de estudar o passado de cada um/a e suas colaborações dentro do território e por ai vai.

Confesso que ao longo do processo da criação desse trabalho não somente conseguir chegar ao objetivo constante, como até mesmo conseguir adquirir ainda mais fonte de informações por meio tanto dos professores que situo aqui em meu trabalho, como também dos demais com quem trabalho na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

BOTELHO, Denise. Lei 10.639/03 e educação quilombola. In: TRINDADE, Azoilda (Org.). Africanidades e educação. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013. p. 178-183

BRAGA, Elza Maria Franco. **Olhares sobre a Comunidade Quilombola Serra do Evaristo: trajetórias, descobertas e construções identitárias**. 2021.

CHERMONT, Luciana D.'Almeida. Identidade Quilombola: processos identitários na Comunidade Serra do Evaristo/Baturité-Ceará. 2014.

DA SILVA, Ana Claudia Emídio; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; DA SILVA, Joselina. História e Cultura Afro-Brasileira: um olhar sobre a Lei 10639/2003 nas bibliotecas escolares. **Biblioteca Escolar em Revista**, v. 2, n. 2, p. 1-16, 2014.

DE BORBA, Maria Helena David. **Cultura e atividades escolares numa comunidade quilombola**. 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Goiás (Brazil).

Educação quilombola. GOV, 2024. Disponível em: < <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/normas-classificadas-por-assunto/educacao-quilombola/> > Acesso em: 12 abr. 2025

EUFRÁSIO, Cíntia Letícia Bittar de Araújo et al. Garantia do direito á educação escolar das comunidades quilombolas: desafios e perspectivas. 2021.

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. GOV, 2009. Disponível em: < <https://www.gov.br/fnde/pt-br/acoes-e-programas/programas/pnae/> >. Acesso em: 27 de mar. 2025.

MALAQUIAS, Vilma Helena et al. A educação escolar quilombola na mesorregião do litoral sul do estado da Paraíba: um estudo da sua trajetória a partir do Ciclo de Políticas (CP). 2020.

Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. GOV, 2003. Disponível em: < <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/programas/programa-de-aquisicao-de-alimentos/> > Acesso em: 27 mar. 2025.

Mobral. GOV, 2019. Disponível em: < <https://querepublicaeessa.an.gov.br/index.php/querepublica-e-essa/assuntos/temas/78-secoes-anteriores/66-filme/191-mobral/> > Acesso em: 27 mar. 2025

SANTOS, Josimar dos. Formação, educação e práticas socioambientais sustentáveis: um estudo na comunidade quilombola da Serra do Evaristo, Baturité-Ceará. 2019.

SOUZA, Manuela Thamani Nascimento de. **Futuro se faz com a história, e história com o povo dentro: Movimentos Negros na interface da Comunicação e Educação**. 2021. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SOUZA, Shirley Pimentel de. Educação escolar quilombola: as pedagogias quilombolas na construção curricular. 2016.

VALENTIM, Rayane Emanuelle de Oliveira. Linguagem audiovisual, metacognição e educação: uma escola quilombola em cena. 2020.